

# Suplemento Cultural

## Reverenciando Canale – um marco de bravura moral

**RÊMOLLO LETTERIELLO –**

*Advogado, desembargador aposentado do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, membro titular da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.*

O que me animou a escrever sobre tão importante personalidade foi a constatação de que a sua história de vida estava passando sem registro, deixando de ser percebida principalmente pelas novas gerações, que não tiveram o privilégio de conhecê-la. Infelizmente, entre nós, pouco ou quase nunca se reverenciam figuras majestosas que, pelas suas atitudes e gestos, ganharam o respeito e admiração dos seus contemporâneos, pelo muito que realizaram a bem da coletividade a que serviram. Me vem sempre à memória a observação sensível do notável historiador e humanista brasileiro Joaquim Nabuco que escreveu que “*o homem é um nome póstumo*”, querendo dizer, com isso, que seremos sempre lembrados pelo nosso comportamento e pelas ações boas ou más que praticamos em vida.

Dividi o livro em onze partes, sendo que, nas duas primeiras, escrevi sobre as origens de Canale e o início da sua vida particular, valendo-me de um manuscrito que ele mesmo copiou e que denominou de “Manuscritos Inacabados de Antônio Mendes Canale – 1923-2006”. Extrai as informações neles contidas com a permanente preocupação de manter a mais absoluta fidelidade ao seu texto. Nos demais capítulos, anotei fatos interessantes sobre o começo da sua vida político-partidária e sobre a sua destacada atuação parlamentar, quer como deputado estadual, deputado federal, quer como senador da República, ressaltando o seu extraor-



CAPA DO NOVO LIVRO DE RÊMOLLO LETTERIELLO

dinário desempenho como prefeito de Campo Grande, por duas vezes, antes da divisão do Estado.

Registrei ainda a sua participação, como Secretário de Administração, no Governo do inesquecível e por todos admirado Wilson Barbosa Martins, que há pouco nos deixou. Fiz questão de colher as impressões de pessoas próximas e intimamente ligadas a Canale, seus familiares, amigos, companheiros de trabalho e admiradores, que deram seus testemunhos sinceros e com grande carga de reconhecimento das qualidades e virtudes do nosso reverenciado. Transcrevi também diversos artigos assinados por Canale e divulgados pela imprensa escrita local, sobre momentos da vida política estadual e nacional.

Além de resgatar a memória de Antônio Mendes Canale, evitando que a sua história caia no esquecimento, espero que o livro sirva e

“

Além de resgatar a memória de Antônio Mendes Canale, evitando que a sua história caia no esquecimento, espero que o livro sirva e represente um eficaz e verdadeiro instrumento de auxílio para a formação ética, moral, cívica e humanística dessa e das novas gerações”

represente um eficaz e verdadeiro instrumento de auxílio para a formação ética, moral, cívica e humanística dessa e das novas gerações. Espero que, ao tomarem conhecimento das qualidades e virtudes desse notável homem público, nele se inspirem, compreendendo que vale a pena viver a vida digna, honrada e honestamente e que só construiremos uma nação verdadeiramente ordeira, próspera e feliz, se expurgarmos do seu seio essa corja de vendilhões e mercenários do poder, substituindo-os por homens éticos, de princípios, de reta conduta e que foram forjados, como Canale, na têmpera dos sentimentos de justiça, de lealdade, de integridade, de probidade, de equilíbrio patriótico, de espírito público e de respeito aos direitos individuais do cidadão.

## Não esquecer que por enquanto é tempo de Morangos

**LUCILENE MACHADO**

Emprestei esta frase do livro *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Não é uma frase estratégica, dessas usadas para enganar o leitor, tampouco foi elaborada para subordinar uma ideia nova. Simplesmente é a última frase do livro. Aquela que pouco será entendida e da qual você se lembrará todas as vezes que comer morangos. E hoje comi morangos, vermelhos e doces, como costumam ser as frutas sazonais. Retirei as folhinhas verdes com cuidado, sentei no sofá e, enquanto comia, ouvia meu pai contar a história do papagaio de seu amigo. Foi um papagaio que apareceu no quintal, sem mais nem menos, e foi ficando, fazendo-se dono do espaço. Gracioso, atrevido e belo foi encantando o dono da casa. Pela manhã dizia bom dia, repetia adjetivos do repertório masculino, repetia nomes, cantava e foi enchendo a casa do homem de palavras. O homem sentiu-se privilegiado ao ter sido eleito por um pássaro. Ria à toa. Comprou comida, construiu uma armação de varetas na varanda para dar guarida ao bichinho, convidou os amigos para conhecê-lo e, nesses encontros, aproveitava para exagerar nos qualificativos sobre o animal.

Enquanto eu enchia a boca de morangos, meu pai enchia a história de poesia, de cores, de penas, de voos. E eu pensando onde é que ia dar aquela narrativa. Talvez ele quisesse levantar algumas questões para serem discutidas posteriormente. De modo que fui enumerando mentalmente o que faria sentido para uma discussão. Comecei pela solidão do homem, o amor incondicional dos animais, a vaidade do ser humano, o orgulho, a vocação das pessoas para se apossa-

rem do animal alheio... Mas, antes de tudo, eu deveria descobrir se aquela história era uma comédia ou uma tragédia. Os papagaios sempre ilustram as comédias, quem é que não conhece uma comediazinha cujo personagem principal é um papagaio? Mas pela gravidade na voz de meu pai, comecei a temer o futuro do papagaio. Medo e pena. O homem, o papagaio e os morangos ficaram atravessados em minha garganta. Que fim meu pai daria à história? Quero dizer, a história não era dele, era um relato verídico, e a realidade não perdoa, sabemos disso. Olhamo-nos em silêncio. Perguntei a meu pai como o papagaio fora morto. Eletrocutado no fio de alta tensão, disse sem pestanejar. Ficou dependurado por uma patinha. Grudado mesmo. O homem chamou o bombeiro para retirá-lo dali. O bombeiro não veio. Chamou os amigos para tentar desfazer aquela visão grotesca bem na porta da casa, mas ninguém quis se expor ao perigo da alta tensão. Muita gente deu palpites, mas solução, nenhuma. E o corpo do que era um papagaio seguiu esticado no fio, na frase, na história.

Corri para o banheiro com a boca cheia de morangos. Não quis comentar nada. Queria vomitar aquela história infame, mas ela já estava arquivada no meu cérebro, juntinha com a história da Macabea. Devia ser por conta dos morangos. O papagaio, por um instante, era a Macabea. Desprovido de conhecimento, indefeso, apenas repetia o gesto dos outros, as ideias dos outros, e, como ela, gostava de estar em algum canto do mundo, de onde pudesse ver o tempo passar. Macabea, dona de uma alma rala, morreu esmagada por um carro depois de uma cartomante lhe encher a vida de palavras. Ficou caída sobre os paralelepípedos

“

Enquanto eu enchia a boca de morangos, meu pai enchia a história de poesia, de cores, de penas, de voos”

## POESIAS

### LETRA “R”

O erre, letra versátil,  
tem sotaque  
escorrega em corrimão.

Mora no meio do erro,  
mas também da correção.

Aparece no sorriso  
está no princípio do riso  
e dentro do coração.

É a rabiça da dor  
princípio e fim do rancor  
início da reação.

Está no fim do saber  
que dá direito e poder  
e na frente da razão.

O erre, hiperativo,  
se esconde na natureza.  
Sozinho, ou com amigo,  
quer atenção  
quer brincar  
com a língua portuguesa.

**ILEIDES MULLER**

### OS HOMENS

Os homens são como a terra:  
Uns dão muito, outros nada!  
Nuns há ouro, pedrarias...  
Noutros – pobreza completa!  
São qual terra devastada...

Os homens são como as águas...  
Umás sujas e lodosas,  
Outras limpas, cristalinas...  
Umás calmas, mansas, serenas,  
Outras jogam-se em cascatas.  
Umás rasas, outras profundas...  
Indiferentes ao vento,  
Indiferentes às borrascas!

Mistérios da criação!...  
Há a noite e há o dia,  
O crepúsculo e a alvorada...  
De Deus é toda a Ciência,  
D’Ele é a beleza, a harmonia.  
Do nada Ele fez o mundo,  
Com seu poder criador.  
Deu ao homem a vida, tudo,  
Em troca do seu amor...  
Amar a Deus é viver!...

**OLIVA ENCISO**

## UM NAMORO NA SINGELEZA DO AGRESTE

**REGINALDO ALVES DE ARAÚJO**  
– *ex-presidente da ASL*

A paixão irresistível inundou completamente o coração do jovem Sebastião Rodrigues de Melo. A imagem da garota Pixitita o acompanhava por todo lado. Sua ausência o atormentava minuto a minuto. Logo entendeu que a natureza parece desejar que um sexo veja no outro a imagem sensível do bem e do belo. Também entendeu que a presença da garota e seu amor por ela lhe desvendaram um mundo novo de beleza e perfeição. O corpo inteiro intumescido, recolhido, sófrego, era assaltado por um emoção nunca dantes vivida.

Seus passos levaram-no até a margem direita do Rio Paraíba. Seu gadinho pastava ali. A correnteza descia suave e enfadonha. A paz do seu coração derramava-se nas profundezas do ar livre. Seus olhos descansaram na solidão do imenso vale. Ante o espetáculo que lhe oferecia a natureza vislumbrou densas matas, vendo-se, por cima, rochedos cobertos de musgo, fortes, magníficos, que provocavam a queda violenta de uma corrente d’água.

No deslumbrante lugar em que o céu que se estendia sobre a sua cabeça chamava mais a atenção do que a terra que se perdia na distância, no sumiço do rio onde, projetado estava a imagem da deusa de seus sonhos. Os olhos não bastavam para contemplar o espetáculo sublime.

Não suportando mais as queixas do seu coração, Sebastião resolveu esperar a doce Pixitita, na calçada de casa, fingindo atendimento da clientela de seu comércio, sabendo que ela voltava da escola no finzinho da manhã. O plano deu certo. Ele ficou radiante quando ela se aproximou com um sorriso aberto. Frente a frente, encantado, ele perguntou:

- Como foi de aulas?

- Foi maravilhoso, aprendo com facilidade – respondeu com certa timidez e pureza quase infantil.

- Não esqueça que eu sou comerciante e domino, com precisão, a disciplina de matemática...

Pixitita, pertinho da porta de sua casa, pronta para entrar respondeu interessada:

- É a disciplina que eu tenho dificuldade, converse com a minha irmã Thereza, se você quer me ensinar.

Ajeitando a pasta escolar se despediu do rapaz, fechando a porta, sem fechar o sorriso. Sebastião correu para o comércio esfregando as mãos de alegria. Naquele mesmo dia, na boca

da noite, a irmã deu a permissão para a aula de reforço de matemática.

Os dias que se seguiram foram memoráveis para o casal de pombinhos. Às tardes de sol ameno, sentados num banco, frontal ao coreto, conversavam sobre as aulas e na sequência o rapaz, cuidando para não se perder na emoção, tirava todas as dúvidas da bela aluna. Às vezes as mãos se tocavam, ambas estremeciam, o coração latejava, riam, comentavam assuntos da escola, da família e da igreja. A felicidade de Sebastião era notada por todos. Um belo dia ele ficou sabendo que Pixitita, por ser lindíssima, estava sendo cortejada por rapazes, filhos de fazendeiros, dos cidadezinhos de Mogeiro, Ingá e Pilar. A garota estava chegando aos 16 anos. Também recebeu a informação que ela rejeitaria qualquer paquera. Quando a irmã a inquiriu sobre o assunto, ela disse que o seu coração já tinha dono.

Thereza, na condição de irmã, interessada, se aproximou de Sebastião na intenção de sondá-lo sobre o assunto. O rapaz não perdeu tempo, nervoso e emocionado, relatou que estava apaixonado e sem rodeio foi dizendo:

- Dê-me a mão de Pixitita em namoro.

- Vamos consultá-la - disse Thereza com um sorriso largo.

Na volta do Colégio Pixitita recebeu, em detalhes, o pedido de namoro e, sem hesitar, disparou:

- Ele é o eleito do meu coração, aceito com o coração em festa.

Thereza foi ao comércio e comunicou ao jovem apaixonado a decisão alegre da irmã. Sebastião, que não conseguia desfazer-se de pensar em Pixitita, agarrou-se ao balcão de vendas e o inundou com lágrimas de felicidade.

Naquela tarde foram para o banco do Coreto, pela primeira vez com NAMORADOS.

“

A paz do seu coração  
derramava-se nas  
profundezas do ar livre.  
Seus olhos descansaram  
na solidão do imenso  
vale”